



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 11/11/2019



Em Cuiabá, UNDRR participa do Primeiro Seminário Mato-Grossense sobre Redução do Risco de Desastres

Nos dias 30 e 31 de outubro, a cidade de Cuiabá (MT) sediou o Primeiro Seminário Mato-Grossense sobre Redução do Risco de Desastres. O Seminário contou com a participação do Secretário Nacional da Proteção e Defesa Civil (CNEL), Alexandre Lucas, quem apresentou o Sistema Nacional da Proteção e Defesa Civil e o papel das diferentes instituições a nível local.

Representando o Sistema das Nações Unidas, o vice-chefe do Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNDRR) para as Américas e o Caribe, Nahuel Arenas Garcia, discutiu a Redução do Risco de Desastres (RRD) e sua relação com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), enfatizando a coerência das agendas globais de desenvolvimento e a centralidade do risco de desastres nelas.

Arenas também destacou a importância de um enfoque multisetorial e colaborativo entre os vários atores de RRD, e insistiu no desafio econômico que os desastres representam para a região das Américas e o Caribe.

Compromissos brasileiros com a Redução do Risco de Desastres (RRD)

Brasil e seus entes federados reconhecem o compromisso com a redução do risco de desastres (RRD) e, em particular, a importância de cumprir com as metas do Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030 e a sua estreita contribuição com os Objetivos Globais de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

O Marco de Sendai é um documento internacional específico para a redução de desastres, adotado por países-membros da ONU. Na convenção em Sendai (Japão), em 2015, as nações estipularam sete metas a serem alcançadas até 2030, entre as quais se destacam a redução substancial da mortalidade global em desastres e a diminuição do

número de pessoas afetadas e das perdas em relação ao PIB global.

Em relação aos esforços do Brasil com a Redução do Risco de Desastres (RRD), por exemplo, o tema é acolhido na legislação brasileira pela lei nº 12.608 de 10 de abril de 2012 que instituiu a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil — PNPDEC. Essa lei, em seu artigo 20, aponta que “É dever da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios adotar as medidas necessárias à redução dos riscos de desastre”.

Campanha “Construindo Cidades Resilientes”

Atualmente, o Brasil é o país com maior número de cidades inscritas na Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, o que supõe um alto compromisso da parte das autoridades locais na diminuição dos riscos e na implementação de medidas para o fortalecimento da resiliência.

Destacando-se nesse cenário, estão, em particular, os municípios e seus Sistemas de Proteção e Defesa Civil de Belo Horizonte (MG) e Campinas (SP), cidades ganhadoras do Prêmio Sasakawa das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres nos anos de 2013 e 2019, respectivamente.

O Prêmio é distribuído a indivíduos ou instituições que têm realizados esforços significativos na redução do risco de desastres das suas comunidades, de acordo com a seleção dos membros e profissionais da comunidade da RRD – fazendo desse prêmio uma verdadeira “honra atribuída pelo povo”.

O UNDRR avalia que, com a organização do Primeiro Seminário Mato-Grossense sobre Redução do Risco de Desastres, o Estado do Mato Grosso reconhece a importância desse tema central para a agenda do desenvolvimento sustentável e a necessidade de aumentar a sensibilização sobre as oportunidades e os desafios que a Redução do Risco de Desastres traz para a região.

FONTE: <https://www.eird.org/camp-10-15/port/>



THE WORLD BANK
IBRD • IDA



UNDRR
Oficina de Naciones Unidas para la
Reducción del Riesgo de Desastres

À medida que as ameaças climáticas e desastres aumentam, vamos dobrar a infraestrutura resiliente

SAMEH WAHBA

MAMI MIZUTORI



A primary school in Hanoi, Vietnam. Photo credit: Quang Vu/Shutterstock

Desde tsunamis na Ásia e terremotos na América Latina, passando por furacões no Caribe e ciclones na África, os desastres causados por riscos naturais mataram cerca de 1,3 milhão de vidas entre 1998 e 2017 e causaram grandes danos aos meios de subsistência e infraestrutura em todo o mundo.

Não vemos sinais de que os riscos representados pelos riscos naturais diminuam, particularmente por ter testemunhado o impacto devastador do ciclone Idai nas famílias e comunidades da África no início deste ano. O que é pior, a mudança climática está tornando tempestades, inundações, secas e ondas de calor ainda mais frequentes, prejudiciais e mortais.

Os desastres podem apagar décadas de ganhos de desenvolvimento conquistados em questão de segundos, com um impacto doloroso e caro que pode durar anos e até gerações vindouras. Hoje, cerca de 90% da expansão urbana nos países em desenvolvimento ocorre perto de áreas sujeitas a riscos. Sem ações urgentes, as mudanças climáticas e os desastres podem custar às cidades em todo o mundo US \$ 314 bilhões a cada ano e levar até 77 milhões de residentes urbanos à pobreza.

Quando um desastre ocorre, estamos todos em risco; mas geralmente são os pobres que são os mais atingidos. Pesquisas mostram que os impactos de desastres e mudanças climáticas são mais do que o dobro para famílias pobres, porque tendem a viver nas áreas mais vulneráveis, geralmente com padrões habitacionais fracos. Nos próximos 15 anos, e na ausência de investimentos adequados em melhorias de moradias e favelas, podemos esperar ver o número de pessoas vivendo em moradias precárias mais que o dobro.

Em uma era de agravamento dos riscos climáticos e de desastres, países e cidades não têm escolha a não ser planejar melhor e investir mais em infraestrutura resiliente - casas, escolas e estradas - para enfrentar os desafios da urbanização e sustentar o crescimento econômico.

De fato, vale a pena tornar nossas casas mais seguras e nossas escolas mais resilientes. Pesquisas recentes sugerem que o investimento em infraestrutura resiliente pode fornecer um benefício líquido de US \$ 4,2 trilhões em países de baixa e média renda, com US \$ 4 em benefício para cada US \$ 1 investido. Esses investimentos podem então melhorar serviços essenciais - como transporte ou fornecimento de água e eletricidade - e contribuir para sociedades mais resilientes e prósperas.

A infraestrutura resiliente salva vidas. Em outubro de 2019, o Programa Global para Escolas Mais Seguras (GPSS) do Banco Mundial lançou sua Biblioteca Global de Infraestrutura Escolar

(GLOSI) e o Roteiro atualizado para Escolas Mais Seguras e Resilientes, com o apoio do Mecanismo Global para Redução de Riscos de Desastres (GFDRR). Essas ferramentas ajudarão os formuladores de políticas e as comunidades escolares a entender e se preparar melhor para os riscos naturais que os colocam em risco.

Assim como as famílias que vivem em lares inseguros, crianças e jovens estudando em escolas de baixa qualidade também são vulneráveis ao impacto climático e de desastres. Os desastres danificam ou destroem a infraestrutura da escola, prejudicando ou até matando estudantes, professores e outros membros da comunidade escolar. No Equador, por exemplo, o terremoto de 2016 danificou quase 1.000 escolas e deixou mais de 120.000 crianças temporariamente sem educação. Em Moçambique, 4.000 salas de aula foram destruídas por ciclones no ano passado. Esses desastres também têm um efeito devastador nos ambientes de educação e aprendizagem das crianças.

É por isso que o Banco Mundial e o Escritório das Nações Unidas para Redução de Riscos de Desastres (UNDRR) estão comprometidos em ajudar cidades e comunidades a mobilizar recursos globais e a tomar ações locais para criar uma infraestrutura inteligente para o clima e resistente a desastres.

As cidades só podem ser tão resilientes quanto sua infraestrutura, razão pela qual o UNDRR, juntamente com o Governo da Índia, co-desenvolveu a Coalizão de Infraestrutura Resiliente a Desastres. Lançado pelo primeiro-ministro Modi na Cúpula de Ação Climática da ONU, em setembro, o CDRI apoiará os países nos planos de investimento à prova de riscos, fornecendo informações técnicas, trocando boas práticas e capacitação.

O UNDRR também está comprometido em liderar ações nesta área por meio da Campanha Tornando Cidades Resilientes, à qual mais de 4.200 cidades aderiram nos últimos 10 anos. Em consulta com os parceiros, e em resposta a uma solicitação clara das cidades com as quais a campanha trabalhou, uma nova campanha será lançada em 2020, apoiando as cidades a reduzir o risco de desastres e clima por meio de suporte técnico aprimorado e capacidade aprimorada de obter recursos financeiros para implementar mudança.

Da mesma forma, à medida que o Banco Mundial continua a recuar melhor para reduzir as perdas anuais relacionadas a desastres, seu Programa Global de Habitação Resiliente está intensificando os esforços para ajudar países, cidades e comunidades a construir melhor antes do próximo desastre, tornando as casas mais seguras e resilientes riscos naturais. Por exemplo:

- Na Guatemala, uma abordagem de avaliação rápida, de baixo custo e habilitada para IA - combinando drones e imagens de câmeras montadas em carros - ajudou a identificar e mapear uma parcela significativa dos edifícios em risco de desmoronar em um terremoto. Em Santa Lúcia, a mesma abordagem foi usada para avaliar os riscos de danos no telhado de um furacão de categoria 5.
- Na Indonésia, o governo está tornando a resiliência uma parte central do seu programa de subsídios para melhoramento da casa, um dos maiores do mundo.
- No México, as autoridades estão atualizando seus programas habitacionais para torná-los mais inclusivos e resilientes.
- No Peru, foram realizadas avaliações automatizadas de propriedades e avaliações de vulnerabilidades para apoiar os municípios.

Investir em infraestrutura segura e resiliente - incluindo residências e escolas - salva vidas, protege os meios de subsistência e protege o desenvolvimento. Como acabamos de marcar o Dia Internacional da Redução do Risco de Desastres e o Dia Mundial das Cidades no mês passado, vamos dobrar nossa resolução e ampliar nossa ação para tornar o futuro de nossas cidades e comunidades mais inclusivo, seguro, resiliente e sustentável para todos.

FONTE: <https://blogs.worldbank.org/voices/climate-and-disaster-threats-rise-lets-double-down-resilient-infrastructure>

FONTE: <https://gps.worldbank.org/>

FONTE: <https://blogs.worldbank.org/sustainablecities/building-better-next-disaster-how-retrofitting-homes-can-save-lives-and-strengthen-economies>



Diretrizes do Words in Action: Na linha de frente da redução e resiliência dos riscos de desastres: Guia de envolvimento de crianças e jovens para implementar a Estrutura de Sendai para a redução de riscos de desastres 2015-2030

Atualmente, crianças e jovens com menos de 30 anos representam mais da metade da população mundial. Eles são os que mais se beneficiarão com a redução dos riscos e impactos de desastres, a redução do caos climático e a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) globais. Como ilustra este guia Palavras em Ação (WiA), suas contribuições já estão fazendo a diferença para políticas mais abrangentes de RRD e de construção de resiliência, famílias mais preparadas, crianças e jovens mais saudáveis e comunidades mais seguras. No entanto, mais pode e deve ser feito para apoiar e envolver crianças e jovens em todo o mundo na RRD para implementar totalmente a *Estrutura de Sendai para Redução de Riscos de Desastres 2015-2030*.

Este guia visa garantir o acesso mundial a conhecimentos, comunidades de prática e redes de profissionais de RRD. O guia oferece conselhos específicos sobre a implementação de uma abordagem centrada nas pessoas, viável, para apoiar e envolver as crianças na redução de riscos de desastres e na construção de resiliência. Ele fornece conhecimento de alto nível sobre o tópico, bem como links para várias fontes que podem fornecer informações mais detalhadas. O guia WiA inclui cinco áreas inter-relacionadas:

- A **Visão Geral** destaca o valor de apoiar, envolver e capacitar crianças e jovens ao implementar o *Quadro de Sendai*.
- A **Seção 01** fornece uma visão geral sobre crianças, jovens e a *Estrutura de Sendai*, mostrando primeiro as sinergias entre a RRD, as mudanças climáticas

e os ODS e, em seguida, oferecendo ideias para ação dentro das quatro Prioridades de Ação da *Estrutura* .

- **A Seção 02** explora a RRD inclusiva, conforme exigido na *Estrutura de Sendai*, que exige um compromisso significativo de não deixar crianças ou jovens para trás, independentemente de onde eles morem, quem são e as influências em suas vidas.
- **A Seção 03** visa aumentar o impacto coletivo da RRD e da construção da resiliência por meio de uma abordagem multissetorial focada na educação; Saúde e nutrição; água, saneamento e higiene (WASH) e meio ambiente; proteção social; proteção infantil; meios de subsistência; e abrigo, moradia e assentamentos humanos.
- **A Seção 04** promove a ideia de que o *modo como os adultos apoiam e envolvem crianças e jovens* é tão importante quanto o *porquê* . Esta seção oferece o valor estratégico e crítico de processos criativos, divertidos e envolventes em iniciativas de RRD e resiliência, incluindo conselhos práticos, definições e estudos de caso sobre engajamento e inovação significativos.

O modo como trabalhamos juntos agora na implementação do Quadro de Sendai não afetará apenas as vidas dos jovens, mas afetará a trajetória da humanidade nas próximas décadas.

Revisão pública

Como um esforço da comunidade internacional de RRD e intermediada pelo UNDRR, esta versão oficial da consulta pública é um produto de um longo e detalhado processo de redação, consulta e revisão. Este documento estará no PreventionWeb para análise pública até 31 de outubro de 2019 e tem o objetivo de garantir que não negligenciamos os aspectos importantes a serem considerados. Compartilhe seus comentários através da pesquisa aqui .

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/67704_wiachildyouthsept12publicreviewhand.pdf



Relatório Mundial da Juventude das Nações Unidas: Juventude e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

O relatório examina os papéis de apoio mútuo da nova agenda e os atuais esforços de desenvolvimento da juventude. O relatório fornece uma visão do papel dos jovens no desenvolvimento sustentável no contexto da implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e estruturas relacionadas, em particular a Agenda de

Ação de Addis Abeba da Terceira Conferência Internacional sobre Financiamento para o Desenvolvimento e o Mundo. Programa de Ação para a Juventude.

O Relatório considera o papel que a Agenda 2030 pode desempenhar no aprimoramento dos esforços de desenvolvimento juvenil e examina como as políticas juvenis baseadas em evidências podem ajudar a acelerar os objetivos relacionados à juventude. Explora o papel crítico que os jovens têm na implementação de esforços de desenvolvimento sustentável em todos os níveis.

Embora a adoção da Agenda 2030 ofereça a oportunidade de abrir novos caminhos, seu sucesso está finalmente ligado à integração e avanço dos esforços e processos de desenvolvimento existentes. Alguns dos principais quadros que podem apoiar sua implementação incluem a Agenda de Ação de Adis Abeba, a Declaração de Istambul e o Programa de Ação para os Países Menos Desenvolvidos para a Década 2011-2020, os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento Modalidades Aceleradas de Caminho de Ação, o Novo Caminho Urbano Agenda e a Estrutura de Sendai para Redução de Riscos de Desastres.

FONTE: <https://www.un.org/development/desa/youth/wp-content/uploads/sites/21/2018/12/WorldYouthReport-2030Agenda.pdf>



Crianças e Jovens: Declaração feita na Plataforma Global para Redução de Riscos de Desastres (2019)

Uma declaração oficial feita por Nhilce Esquivel, na sexta sessão da Plataforma Global para Redução de Riscos de Desastres, em maio de 2019.

FONTE: <https://www.preventionweb.net/files/globalplatform/childrenandyouth.pdf>



School of Law
Scoil an Dlí



Crois Dhearg na hÉireann
Irish Red Cross

Folha de informações sobre os direitos das crianças em desastres

Durante 2017 e 2018, o **Centro de Justiça Criminal e Direitos Humanos (CCJHR)** da Faculdade de Direito, da University College Cork e da **Cruz Vermelha Irlandesa** têm trabalhado em parceria para realizar uma série de eventos de informação e conscientização para avançar na compreensão de o campo em evolução do direito internacional sobre desastres. Em particular, os objetivos do projeto são:

1. Aprofundar o conhecimento e a aplicação prática do campo emergente das leis internacionais sobre desastres para acadêmicos e profissionais na Irlanda
2. Desenvolver uma agenda de pesquisa colaborativa entre acadêmicos e profissionais
3. Fortalecer redes internacionais de acadêmicos e profissionais que trabalham com leis internacionais sobre desastres

FONTE: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/IDL-Information-Sheet-No.6-Children-in-Disasters-March-2018.pdf>



Por que devemos envolver mulheres e crianças na gestão de riscos de desastres

Os desastres atingem mais os mais pobres. As pessoas pobres não são apenas mais vulneráveis a choques relacionados ao clima, mas também têm menos recursos para prevenir, lidar e se adaptar a desastres. Os pobres tendem a receber menos apoio da família, da comunidade e dos sistemas financeiros, e até têm menos acesso às redes de segurança social, como explica um relatório recente do Banco Mundial.

Portanto, sim, desastres podem discriminar da mesma maneira que as sociedades discriminam as pessoas.

Os desastres também tendem a ser discriminados em linhas geracionais e de gênero. Vários estudos analisando o impacto de desastres revelaram que mulheres e crianças têm maiores riscos de sobreviver e se recuperar após desastres naturais. A vulnerabilidade de mulheres e crianças a desastres naturais pode ser ainda mais agravada por outros elementos de discriminação, como raça, pobreza e deficiência.

Durante o furacão Harvey de 2017 nos EUA, muitas mulheres - especialmente mulheres de cor - decidiram não evacuar as áreas de risco, apesar de todos os avisos. Por quê? Em todo o mundo, mulheres e meninas são extremamente encarregadas, pessoal e profissionalmente, de cuidar de crianças, idosos e pessoas com deficiência. Portanto, decisões simples para salvar vidas, como discernir a possibilidade de evacuar uma área de desastre, podem se tornar uma escolha difícil.

As normas de pobreza e gênero também moldam as capacidades básicas de sobrevivência. Por exemplo, de acordo com uma pesquisa da Oxfam, quatro vezes mais mulheres do que homens foram mortas na Indonésia, Sri Lanka e Índia durante o tsunami de 2004, porque os homens foram ensinados a nadar e escalar árvores em idades jovens, enquanto as mulheres não.

O acesso a condições alimentares e nutricionais também determina a capacidade das

pessoas para lidar com desastres. Mercy Corps relata que mulheres e homens tendem a adotar diferentes estratégias de resiliência durante as secas na região do Sahel da África - e reduzir a ingestão de alimentos é um deles. No sul e sudeste da Ásia, 45% a 60% das mulheres em idade reprodutiva estão abaixo do peso normal e 80% das mulheres grávidas apresentam deficiências de ferro. Durante a escassez de alimentos, as mulheres são mais propensas a sofrer de desnutrição porque têm necessidades nutricionais específicas durante a gravidez ou a amamentação. Às vezes, as mulheres consomem menos calorias para dar prioridade a homens e crianças.

Desastres podem oferecer oportunidades de mudança

No entanto, os desastres também podem abalar as normas sociais e as relações de poder, além de oferecer oportunidades de progresso.

Os governos de todo o mundo estão cada vez mais reconhecendo a importância de envolver todos os membros das comunidades na redução de riscos de desastres nos níveis nacional e local. O Banco Mundial, através do Programa África Hydromet, está apoiando vários países da África na preparação de secas e inundações. O Programa África Hydromet exige a inclusão de mulheres em áreas técnicas como meteorologia e hidrologia, bem como na tomada de decisões. O programa também desenvolve a capacidade dos funcionários do governo de entender a dimensão de gênero na redução de riscos de desastres.

No Togo, o programa aprimorará os serviços nacionais de proteção hidrometeorológica e civil. Também expandirá os esforços da Cruz Vermelha Togolesa para capacitar grupos de mulheres ou *clubes des mères* (clubes de mães) para aumentar a resiliência da comunidade. Segundo a Cruz Vermelha, a inclusão de mulheres na preparação de planos de contingência e de emergência em nível de base não apenas salvou muitas vidas, mas também contribuiu para elevar o status das mulheres como agentes de mudança em suas comunidades.

As configurações pós-emergência tendem a ser dominadas por homens; a maioria dos empregos em construção e reabilitação de serviços públicos é ocupada principalmente por homens, de modo que as mulheres são frequentemente excluídas do processo de tomada de decisão. Como relataram os Voluntários da ONU no caso do terremoto de 2016 no Equador, incluindo mulheres na remoção de detritos e outras atividades produtivas não tradicionais e trabalhos de reconstrução contribuiu para mudar os estereótipos de gênero.

Como a inclusão reduz os riscos de desastres

Segundo as Nações Unidas, nos últimos 20 anos, os riscos naturais afetaram 4,4 bilhões de pessoas, mataram 1,3 milhão de vidas e causaram US \$ 2 trilhões em perdas econômicas. Um desastre natural pode interromper ou reverter completamente o progresso alcançado ao longo de décadas em apenas alguns anos. Os desastres não apenas destroem bens e vidas, mas também esforços anteriores de desenvolvimento. Isso inclui avanços duramente conquistados na igualdade de gênero.

A conscientização está mudando a maneira como percebemos os desastres naturais: mulheres e crianças devem ser centrais nos programas de prevenção de riscos de desastres e resiliência comunitária .

No nível comunitário, a prevenção de riscos de desastres deve começar com meninos e meninas. Histórias de sucesso de Indonésia, Filipinas, Vietnã, Tailândia, Camboja, Nepal e Bangladesh mostram o impacto de envolver crianças e jovens na preparação para o risco de desastres. As crianças participaram com sucesso do mapeamento de riscos, conscientizando através do rádio e jogos e influenciando outras crianças, professores, pais e comunidades sobre como reduzir os riscos de desastres.

As pessoas que vivem na pobreza são muito mais vulneráveis aos efeitos de desastres naturais e mudanças climáticas, assim como grupos marginalizados, como as mulheres e crianças mais pobres. A desigualdade e a exclusão são um desastre causado pelo homem, mas a boa notícia é que pode ser revertida. Pessoas vulneráveis podem se tornar os mais poderosos agentes de mudança, e agora é a hora de fazer essa mudança.

FONTE: <http://blogs.worldbank.org/sustainablecities/why-engaging-women-and-children-disaster-risk-management-matters-and-how-it-makes-difference>



Orientação sobre programação informada sobre riscos: Como integrar uma análise de risco ao planejamento e programação focados nos direitos da criança

O Guia do UNICEF para Programação Informada sobre Riscos (GRIP) é um pacote de módulos gerais e específicos do setor que propõe uma metodologia para conduzir análises de riscos centradas na criança e liderar um processo colaborativo com várias partes interessadas em direitos da criança (incluindo crianças, adolescentes e jovens) projetar ou adaptar programas para reduzir ainda mais os riscos, a resiliência e a paz. A programação informada sobre riscos visa fortalecer a resiliência a choques e tensões, identificando e abordando as principais causas e fatores de risco, incluindo vulnerabilidades, falta de capacidade e exposição a vários choques e tensões. Requer uma análise robusta dos riscos dos múltiplos riscos enfrentados pelas famílias e comunidades, e exige que o governo e outros parceiros estejam envolvidos no desenho ou ajuste de programas para garantir que eles se comprometam de forma proativa com a redução de riscos. Para o UNICEF, a programação informada sobre riscos é centrada na criança. Usando uma abordagem de programação baseada em direitos humanos, o UNICEF apoia contrapartes nacionais e uma série de responsáveis e partes interessadas para considerar não apenas quais mudanças são necessárias para

promover a realização dos direitos da criança, mas também como proteger esses ganhos dos impactos negativos de choques e tensões.

FONTE: <https://www.unicef.org/media/57621/file>



Nova escola: uma abordagem moderna para redução de riscos de desastres e educação em resiliência para crianças



Por Briony Towers e Annette Gough

Hoje, as crianças estão crescendo em um mundo de riscos cada vez maiores de desastres. As mudanças climáticas, o crescimento populacional, a rápida urbanização e a crescente desigualdade social e econômica estão expondo um número maior de pessoas a danos e perdas, e as crianças estão entre as mais vulneráveis. No entanto, as crianças também são agentes de mudança que têm capacidades específicas para reduzir o risco de desastres em suas famílias, escolas e comunidades. Um mecanismo essencial para aproveitar essas capacidades é a redução de riscos de desastres nas escolas e a educação em resiliência (DRRRE).

Tradicionalmente, a DRRRE nas escolas tende a adotar um modelo de transmissão da educação, onde um corpo específico de conhecimento é transferido de adulto para criança. Nesse modelo, as crianças são posicionadas como receptores passivos de informações em oposição a pensadores críticos e solucionadores de problemas. Esse modelo também tende a ser mais orientado por informações do que orientado a ações. Mesmo quando as crianças são incentivadas a agir, os adultos geralmente

prescrevem a ação e há poucas oportunidades para as crianças abordarem criativamente outros problemas que possam lhes interessar.

Nos últimos anos, no entanto, houve uma notável mudança do modelo de transmissão para abordagens participativas mais holísticas, baseadas no local, que não apenas fornecem às crianças conhecimentos e habilidades essenciais, mas também as capacitam a participar ativamente da RRD e da resiliência atividades de construção. Embora a aplicação dessa abordagem seja relativamente nova, há três componentes principais que são essenciais para sua implementação efetiva.

Entendendo os perigos locais

Para que as crianças vejam o DRRRE como uma atividade significativa relevante para suas próprias vidas, primeiro precisam entender os perigos que podem ameaçar sua comunidade. O aumento da compreensão das crianças sobre os perigos locais pode ser alcançado com atividades de aprendizado experimental que lhes permitem investigar como as características naturais e sociais de sua área podem criar graus variados de exposição a riscos. Isso pode envolver a realização de caminhadas com especialistas locais em perigos ; olhando mapas municipais de risco ou participando de atividades de mapeamento participativo ; entrevistar os moradores sobre perigos e desastres passados; ou explorando conhecimentos e perspectivas indígenas. Para crianças que nunca sofreram riscos em sua área local, esses tipos de atividades são essenciais porque podem não reconhecer a relevância pessoal da DRRRE e que podem impedir seu envolvimento proposital no processo de aprendizagem.

Identificando vulnerabilidades e capacidades

Está bem estabelecido que os desastres são o resultado de perigos que afetam as comunidades vulneráveis de alguma forma. Ainda assim, a vulnerabilidade é frequentemente negligenciada no DRRRE nas escolas. Em vez disso, deve ser incluído como um conceito central, pois destaca que os desastres não são "naturais" ou inevitáveis, mas uma consequência da tomada de decisões e da ação (ou inação) humana. As crianças podem considerar como certos grupos de pessoas podem ser negligenciados nos planos de gerenciamento de emergências ou como os residentes às vezes não têm o conhecimento e os recursos necessários para se preparar adequadamente e responder aos riscos. Igualmente importante é o conceito de capacidade, que fornece uma lente através da qual as crianças podem identificar os vários pontos fortes, atributos e recursos que podem ser utilizados para reduzir o risco de desastres e aumentar a resiliência. Ter filhos conduzem investigações para identificar vulnerabilidades e capacidades podem ajudar a reformular os desastres como problemas a serem resolvidos, bem como posicionar as crianças como participantes ativos no processo de solução de problemas.

Envolver-se em um projeto autêntico

Quando as crianças compreendem seus riscos locais e identificam as vulnerabilidades e capacidades em seu contexto local, elas podem tomar medidas para reduzir os riscos ao se envolver em um projeto autêntico . Por exemplo, eles podem criar oficinas ou

jogos para educar outras pessoas sobre planejamento e preparação para desastres; produzir curtas-metragens ou livros que mostrem conhecimento local ou estratégias de gerenciamento de riscos; ou apresentar recomendações para a gestão de desastres centrada na criança aos tomadores de decisão locais. Independentemente da natureza do projeto, as crianças devem ter voz em seu desenvolvimento e ter tempo suficiente para refletir, criticar e revisar seu trabalho. Idealmente, os projetos devem encontrar um público além das paredes da sala de aula. Exposições e apresentações públicas para famílias e a comunidade em geral oferecem oportunidades valiosas para a aprendizagem intergeracional e entre pares e promovem o status das crianças como genuínas partes interessadas em RRD e resiliência.

Os muitos benefícios do DRRRE participativo com base no local foram claramente demonstrados em nossa avaliação qualitativa aprofundada do Survive and Thrive - um programa de educação contra incêndios florestais para crianças de 10 a 12 anos no sudeste da Austrália. A avaliação constatou que o programa havia fornecido uma série de resultados valiosos, incluindo maior conhecimento e conscientização, maior planejamento e preparação das famílias e maior participação das crianças em diversas atividades de RRC e resiliência em casa e na comunidade em geral. Além disso, os professores relataram que o programa lhes permitia cobrir grandes áreas do currículo de maneira significativa e os gerentes de emergência locais afirmaram que o programa constituía um modo legítimo e altamente eficaz de envolvimento da comunidade.

Embora a mudança para abordagens participativas mais holísticas e baseadas no local em relação à DRRRE ainda esteja nos estágios iniciais, há uma variedade de ferramentas e recursos que podem ajudar educadores e profissionais de RRD a implementar essa abordagem nas escolas. Por exemplo, a Save the Children UK desenvolveu o Take Care Toolkit, que fornece orientações práticas para a programação participativa de RRD com crianças do ensino fundamental e a Cruz Vermelha da Nova Zelândia produziu o Kia Pakari, que visa capacitar os alunos do ensino médio a desenvolver resiliência na escola. comunidades.

Com a crescente frequência e magnitude de riscos e desastres, a entrega de DRRRE, que oferece às crianças oportunidades genuínas de participar ativamente das atividades de RRD e construção de resiliência, é necessária e urgente, principalmente em áreas de alto risco. O DRRRE participativo baseado no local não apenas concede às crianças acesso a informações e conhecimentos essenciais, como também as capacita a expressar suas perspectivas, educar outras pessoas e tomar ações significativas sobre os riscos que enfrentam - em benefício de toda a comunidade.

FONTE: <https://hazards.colorado.edu/news/research-counts/special-collection/new-school-a-modern-approach-to-disaster-risk-reduction-and-resilience-education-for-children>



Construindo comunidades resilientes: criando comunicação multicanal eficaz durante resposta e recuperação de desastres

Este resumo resume os resultados de um projeto de 2014-2017 que examinou estratégias baseadas em evidências que motivam ações apropriadas e aumentam a tomada de decisão informada durante as fases de resposta e recuperação precoce de desastres naturais. O projeto utilizou grupos focais da comunidade para testar a compreensão e conformidade de mensagens de aviso de emergência, realizou uma análise de mídia social durante o ex-ciclone tropical Marcia para entender as respostas da comunidade a mensagens de risco e aviso de emergência, usou experimentos de rastreamento ocular para entender como as pessoas procuram visualmente informações e como a tolerância ao risco afeta a interpretação de mensagem, e conduziu uma pesquisa com as empresas para examinar as necessidades das pequenas empresas durante os perigos. O resumo fornece as principais conclusões de cada método de pesquisa para futuras mensagens de risco e aviso de emergência.

FONTE: <http://www.bnhcrc.com.au/resources/poster/3699>



Evidências da medição da resiliência comunitária a inundações na Ásia

Este documento destaca a importância de medir a resiliência para enfrentar efetivamente os fatores subjacentes ao risco e criar resiliência.

Medir a resiliência a desastres da comunidade ajuda as comunidades e as organizações a entender o sistema de desenvolvimento de desastres que gera seus riscos e resultados de bem-estar. Este artigo conclui que abordagens transformadoras e de longo prazo e intervenções sistêmicas que envolvem múltiplas partes interessadas têm maior probabilidade de sucesso e têm benefícios para o desenvolvimento da comunidade.

FONTE: <https://www.adb.org/sites/default/files/publication/534666/ewp-595-measuring-community-flood-resilience-asia.pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>